

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A cidade, o comércio e a morfologia urbana das pólis gregas</b>	Fev / 2014
Labeca	1 de 11										

**CUSTODIO, C. T.**

**2014. A cidade, o comércio e a morfologia urbana das pólis gregas. S.P.**

**Labeca - MAE/USP.**

**[revisão Labeca]**

Aquilo que designamos cidade é composto por múltiplos elementos integrantes de um modo particular de ocupação do solo, organização interna, indivíduos que habitam e produzem consubstanciando em uma organização do espaço. Cidades são constituídas de homens, necessidades, possibilidades; capacidade de organização, criação, transmissão de ideias, de um cosmos<sup>1</sup>.

Por seu turno, cidades podem atuar como propiciadoras do ambiente urbano que, na definição de Beaujeu-Garnier “...exerce influência nos seus habitantes, pode transformá-los, pouco a pouco, pelas suas exigências (alimentação, matéria-prima, comércio), desempenhando papel importante nas atividades internas e periféricas pelo seu próprio poder; além disso, favorece, difunde ou bloqueia diversos impulsos vindos do exterior. Se o homem utiliza e molda a cidade, a recíproca é igualmente verdadeira (1983: 22).

As trocas e o comércio são atividades cujo caráter social demandam o encontro “envolvendo além de mercadorias, a troca de ideias, palavras, experiências e sensações [...] sua relação com a cidade é uma relação de origem, uma relação umbilical” (Vargas 2012).

É interessante notar que o ponto de partida das atividades comerciais é o encontro de fluxos de pessoas, os espaços de intersecção de rotas, caminhos, paragens. Seja de forma intencional ou meramente de passagem, estes espaços de trânsito tem o potencial para fazer emergir assentamentos de grupos com características urbanas, constituindo, gradativamente, entrepostos, praças de comércio, vilarejos e cidades, ou equipamentos mercantis dentro de áreas urbanizadas. Fatores naturais também podem atuar na determinação dos locais

<sup>1</sup> (gr. Kosmós). O mundo enquanto ordem (cf. PLATÃO, Górg., 508 a; ARISTÓTELES, Met, I, 3, 984 b 16). Segundo Diógenes Laércio, os pitagóricos foram os primeiros a chamarem o mundo de Cosmos; mas ele mesmo nota que isso era atribuído a Parmênides por Teofrasto e a Hesíodo por Zenão (DIÓG. L, VIII, 48). Essa palavra é usada indiferentemente em lugar de “mundo” e sua noção constitui uma das interpretações fundamentais da noção de mundo. In: Dicionário de Filosofia (Abbagnano: 2007).

	<p style="text-align: center;"><b>A cidade, o comércio e a morfologia urbana das pólis gregas</b></p>	<p style="text-align: right;">Fev / 2014</p>
<p>labeca</p>		<p style="text-align: right;">2 de 11</p>

de fluxos: fontes de água potável, ancoradouros, acessos fluviais navegáveis, extensões de terra cultiváveis e assim por diante. A este respeito Moreira (2001) aponta:

“A organização espacial da sociedade começa pela seletividade. Espécie de ponte entre a história natural e história social do meio, a seletividade é o processo de eleição do lugar e do(s) respectivo(s) recurso(s) que inicia a montagem da estrutura espacial das sociedades. A seletividade é uma expressão direta e combinada dos princípios de localização e da distribuição. Por meio da localização, elege-se a melhor possibilidade de fixação locacional das espécies de plantas e animais triadas pela seletividade. Por meio da distribuição, elege-se a configuração de lugares que melhor diversifique este espaço (2001: 21). [No decurso do processo de seletividade] ‘a sociedade se ambientaliza, se territorializa e assim se enraíza culturalmente’” (Moreira, 1997 apud Moreira 2001: 21).

Uma vez estabelecidos, os espaços de troca tornam-se nevrálgicos na morfologia urbana e, por vezes, se confundem com os espaços públicos de uma comunidade; essa percepção é bastante comum quando, no caso das cidades gregas, pensamos genericamente na *ágora*<sup>2</sup>. Tal consideração é importante, uma vez que a noção de espaço público é fundamental nas considerações relativas ao pertencimento e/ou exclusão de membros em uma sociedade. Assim, urbanismo e arquitetura são indissociáveis de estratégias de controle de acesso, fluxo, pertencimento e exclusão de pessoas e, os espaços de comércio, adquirem status de maior complexidade pois, enquanto em outros espaços especializados de uma cidade as situações de uso e organização podem ser estáticas, nestes a fluidez é germinativa de tensão e de contínuos rearranjos possíveis.

<sup>2</sup> *ágora*: praça das cidades, que servia de ponto de encontro da população seja para decisões políticas ou judiciais, seja para tomada de decisões da assembléia, seja para trocar bens e mercadorias. Em época helenística e romana, quando as cidades gregas perderam sua autonomia política, as *ágoras* passaram a ser, em geral, o local do mercado, adquirindo uma conotação sobretudo comercial. Fonte: Glossário Labeca.

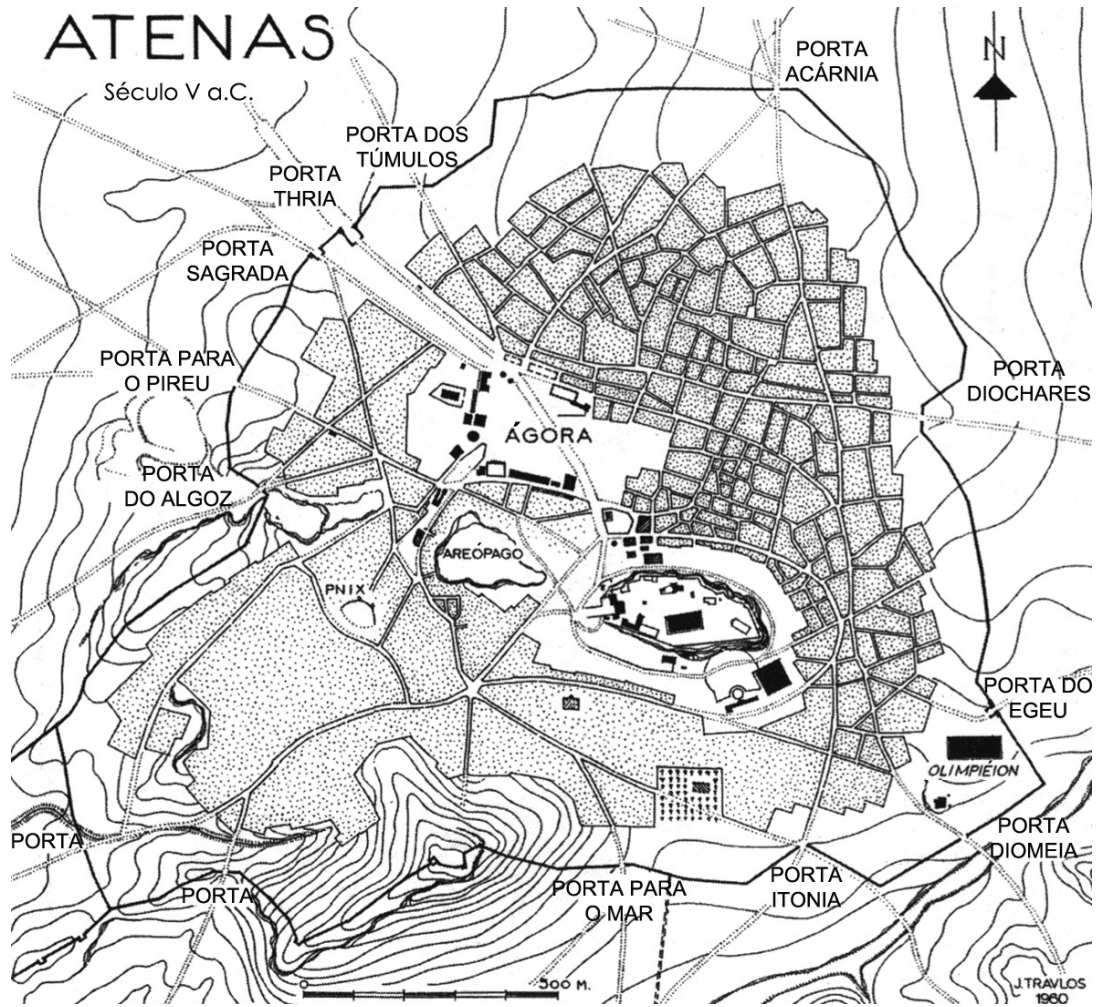


Fig 1: A ásty<sup>3</sup> e a ágora de Atenas: centralidade e múltiplas estratégias de controle de acesso por rotas e portas. Fonte: Malaco 2002, p. 61.

3 ásty: a cidade, em oposição ao campo, na pólis; área “urbana” da cidade grega. Fonte: Glossário Labeca.

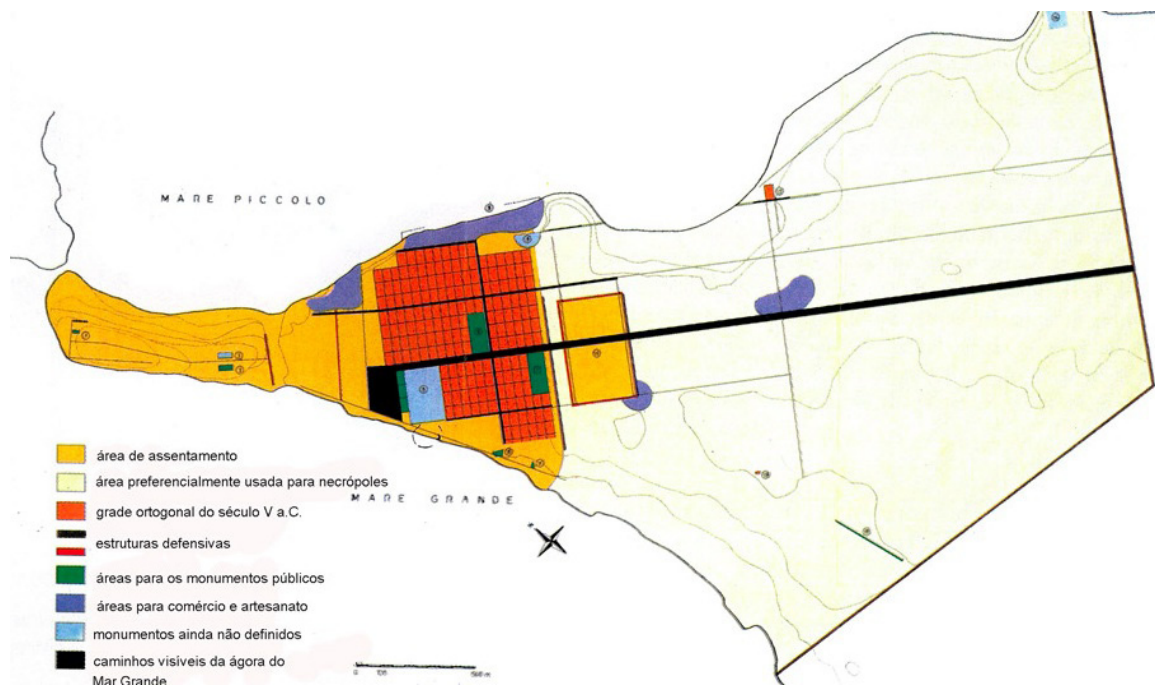


Fig. 2. Tarento: apresenta espaços especializados de atividades comerciais e artesanato junto ao mar, porto, vias urbanas e ágora integrados. Fonte: adaptado de Cerchiai et al., 2002, p.38.

Sendo pois, a morfologia urbana tão estreitamente relacionada às atividades comerciais, é por meio da observação de evidências arqueológicas que se tem produzido uma revisão da organização social, política e econômica das cidades gregas antigas e suas relações de intercâmbio com o mundo estrangeiro mediadas pelas trocas. O comércio, enquanto parte da vida de uma sociedade, integrando habitantes de uma comunidade e aqueles de passagem, protagonizaram relações sociais marcadas por contato, trocas, interesses, informações e certo “cosmopolitismo” – se comparados aos indivíduos envolvidos em outras atividades produtivas naquelas sociedades, o cultivo agrícola, por exemplo.





Fig. 4. Escavação e reconstituição do porto de Naxos, escavado tanto em terra quanto sob a água. Foram descobertas instalações para a construção e guarda de navios. Achados como estes permitem dimensionar o volume de cargas transportadas nas viagens, por exemplo, e fazer projeções sobre a dinâmica mercantil dos portos antigos. Fonte: Lentini 2009, p. 60 a.



Fig. 5. Reconstituição porto de Naxos (cont.). Fonte: Lentini, 2009, p. 82.



Figs. 6 e 7: Naufrágio - ânforas em área portuária de Naxos. Fonte: Lentini, 2009, p.112

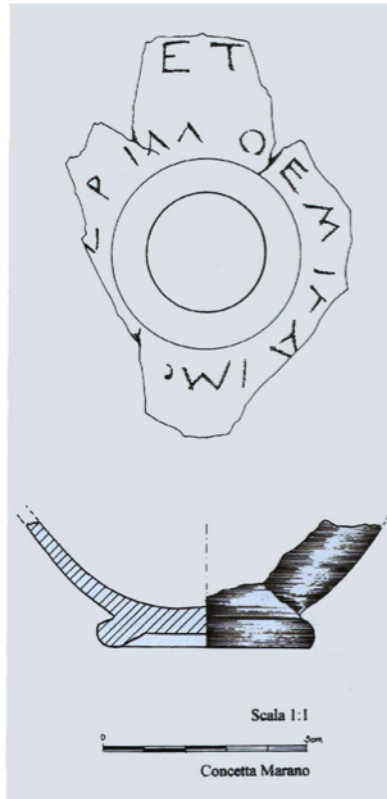


Fig 8: Fragmento de cerâmica. Fonte: Lentini, 2009, p. 95.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>A cidade, o comércio e a morfologia urbana das pólis gregas</b>	Fev / 2014
labeca		8 de 11									

Fragmentos de cerâmica com inscrições encontrados nas instalações portuárias de Naxos, dentre a gama de assuntos, algumas das inscrições são relativas ao comércio e marcas de propriedade.



Figs. 9 e 10: Fragmentos de cerâmica. Fonte: Lentini 2009: pp. 88,89.

O comércio também tangencia o processo de fundação de cidades em diversos contextos históricos e o mesmo parece ter ocorrido no que diz respeito ao movimento de populações gregas em direção a territórios estrangeiros. Os gregos estabeleceram-se em terras que se estendiam da Ásia Menor até a Península Ibérica, incluindo as costas do Mar Negro, o Norte da África, o sul da Itália e a Sicília. O contato entre gregos e as culturas locais propiciou tanto a troca de informações, como o enriquecimento cultural de todas as partes. O Mediterrâneo e seus arredores foram o palco de intensas interações culturais e materiais na Antiguidade. Dentre estes movimentos de populações, no início do século VIII a.C, os gregos passaram a fundar assentamentos permanentes e independentes que reproduziam estruturas de suas comunidades de origem: as apoiias<sup>5</sup>.

No início da segunda metade do século XX a possível especialização das cidades antigas e termos de vocação econômica chamou a atenção de especialistas. Roland Martin (1973) foi o precursor de uma abordagem que, na esfera dos estudos urbanísticos, classificava cidades gregas de natureza mercantil por oposição àquelas de natureza agrícola tendo por base particularidades na organização espacial de suas ásty e khóra, morfologia costeira, etc<sup>6</sup>.

5 apoiia: cidade fundada por grupo de imigrantes gregos, sobretudo a partir do século VIII a.C. As apoiias mantinham relação religiosa e moral com as cidades que as haviam fundado mas eram completamente independentes do ponto de vista político e econômico. Fonte: Glossário Labeca.

6 Ver: "A natureza da cidade portuária e a relação portos-portas em contextos helênicos". In: Estudos sobre o Espaço na Antiguidade. São Paulo: Edusp, 2011. [e demais textos do site].



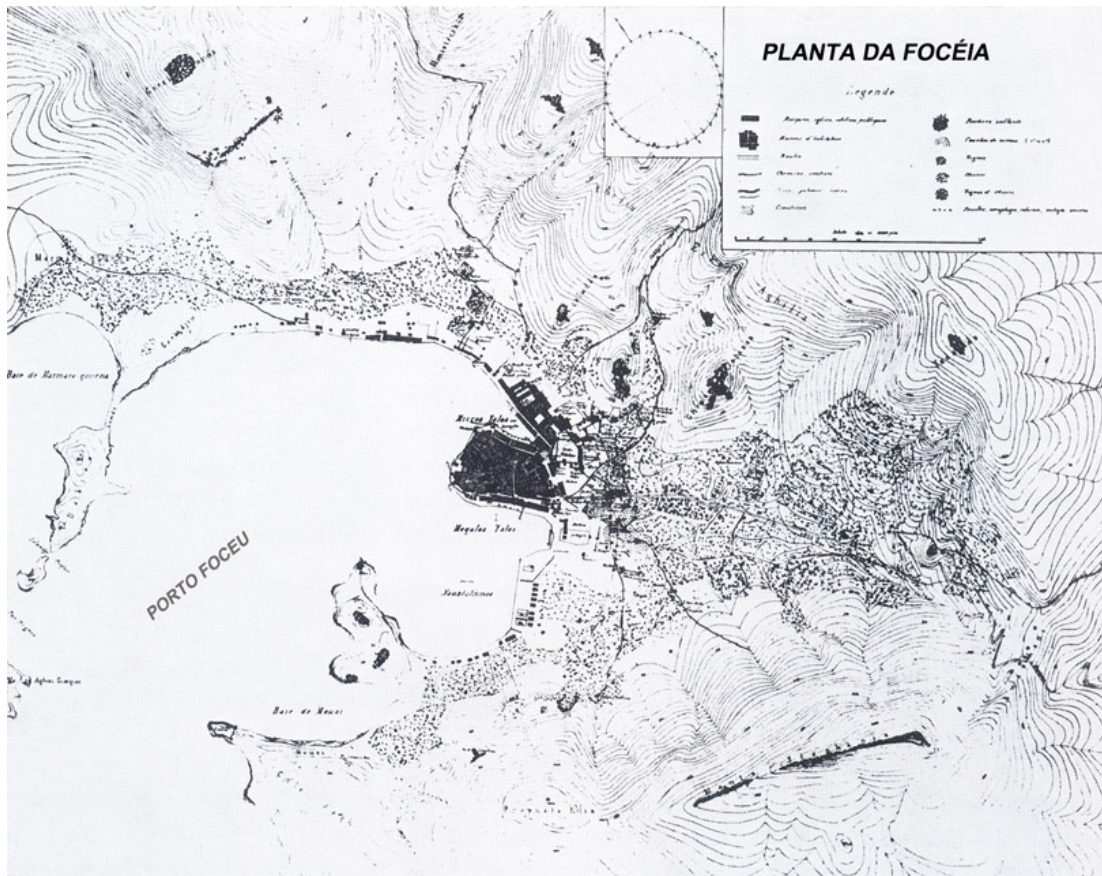


Fig 10: Focéia: Apresenta morfologia costeira favorável para intensa atividade marítimo-mercantil. (Archäologischer Anzeiger 1969: 378)

Não obstante, para alguns especialistas a morfologia urbana das apoikias revela uma variabilidade de especializações e funções em seus territórios que torna difícil dividi-las em categorias muito específicas. A tendência contemporânea é a de mostrar que a busca de causas unívocas que expliquem as fundações gregas de época arcaica não constitui expediente fecundo para dar conta da natureza desses assentamentos (De Angelis 1998, 2003; Tsetskhladze 2006; Owen 2005). Uma cidade situada em uma rota tida como estratégica para comerciar metal com outra comunidade poderia também desenvolver atividades agrícolas não meramente para subsistência, mas para exportação. Ou uma cidade poderia possuir uma khóra com enorme potencial para a prática da agricultura e poderia ter nas atividades de entreposto mercantil sua principal fonte de riquezas! A pluralidade de contextos e as mudanças que ocorreram ao longo do tempo são muitas para darmos ênfase em modelos muito fechados.

Fato é que o comércio é um dinamizador de práticas sociais, de aumento da riqueza material, catalisador de tensões entre grupos sociais e um

	<b>A cidade, o comércio e a morfologia urbana das pólis gregas</b>	Fev / 2014
labeca		10 de 11

objeto rico para o estudo das sociedades do Mediterrâneo antigo. A própria monumentalidade, tão marcante na arquitetura das pólis gregas – sobretudo aquelas do Ocidente grego<sup>7</sup> – é tributária da prosperidade econômica oriunda das atividades mercantis daquelas cidades. No decurso de poucas décadas edifícios dispendiosos deixavam de ser projeto para ganhar concretude na paisagem da cidade. Não duvidemos: muito antes da Revolução Industrial, os gregos antigos praticavam o comércio porque assim eles supriam as necessidades de abastecimento tanto quanto buscavam consumir os produtos que simplesmente desejavam! (Foxhall 2002, p. 297). Não muito diferente de nós.

### Referências Bibliográficas:

AA.VV.

1969. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern, 1, 4.

ABBAGNANO, N.

2007. Dicionário de Filosofia. São Paulo, Martins Fontes.

ALDROVANDI, C.E.V.; TEODORO CUSTODIO, C.; SCATENA, R.M.; TAUHYL, A.P.

2011. “Modelos imagéticos urbanos e a compreensão da sociomorfogênese da cidade antiga”. In: ALDROVANDI, C.E.V.; KORMIKIARI, M.C.N.; HIRATA, E.D.V. (orgs). Estudos sobre o Espaço na Antiguidade. São Paulo, Edusp, Fapesp, pp. 105-124.

BEAUJEU-GARNIER, J.

1980. Geografia Urbana. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CERCHIALI, L. (et alii)

2004. Greek Cities of Magna Graecia and Sicily. Los Angeles, The John Paul Getty Museum.

DE ANGELIS, F.

1998. “Ancient Past, Imperial Present: The British Empire in T.J. Dunbabin’s Western Greeks”. *Antiquity*, v. 72, pp. 539-549.

2003. Megara Hyblaia and Selinous. The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Monograph n.55. Oxford: University School of Archaeology.

<sup>7</sup> Ver: Hirata, E. F. V. ‘Monumentalidade e representações do poder de uma pólis colonial’ Em: FLORENZANO, M.B.B.; HIRATA, E.F.V. (orgs.). Estudos sobre a Cidade Antiga. São Paulo: Edusp: 2009, pp. 121-136.

	<b>A cidade, o comércio e a morfologia urbana das pólis gregas</b>	Fev / 2014
labeca		11 de 11

HIRATA, E. F. V.

2009. "Monumentalidade e representações do poder de uma pólis colonial". Em: FLORENZANO, M.B.B.; HIRATA, E.F.V. (orgs.). Estudos sobre a Cidade Antiga. São Paulo: Edusp, pp. 121-136.

FOXHALL, L.

2002 (1ª ed. 1998). "Cargoes of the heart's desire: the character of trade in the archaic Mediterranean world". In: FISHER, N. e WEES, H. V. (Eds) Archaic Greece: New Approaches and New Evidence. London: Duckworth, pp. 295–309.

LENTINI, M. C. (ed.)

2009. Naxos di Sicilia: l'abitato coloniale e l'arsenale navale: scavi 2003-2006. Messina: Edizione Sicania.

MARTIN, R.

1956. L'urbanisme dans la Grèce Antique. Paris: A. + J. Picard.

MOREIRA, R.

1997. "Da Região à Rede e ao Lugar (A nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo)", in Revista Ciência Geográfica, no. 6. Bauru: AGB-Bauru.

2001. "As Categorias Espaciais da Construção Geográfica das Sociedades". In: GEOgraphia. Rio de Janeiro, Ano III, nº 5, setembro de 2001.

OWEN, S. 2005. "Analogy, Archaeology and Archaic Greek Colonization". In: HURST, H.; OWEN, S. Ancient Colonizations: Analogy, Similarity and Difference. London: Duckworth, pp. 5-22.

ROBINSON, H. S.

1965. The urban development of ancient Corinth. Atenas: American School of Classical Studies.

TSETSKHLADZE, G. R (ed).

2006. "Greek Colonisation: An account of Greek colonies and other settlements overseas". Mnemosyne, Supplementa 193, vol.01, Leiden-Boston: Brill.

VARGAS, H. C.

2012. "Comércio e cidade: uma relação de origem". In: OLIVEIRA, C. L. e WORCMAN, K. (orgs). Memórias do Comércio Paulista: guia do acervo. São Paulo: SESC São Paulo / Museu da Pessoa.